

# Índice

---

- 5     *Agradecimentos*
- 7     *Prefácio*
- 13    *Introdução*
- 17    *Capítulo 1 – Quem tem filhos tem cadilhos.*  
*Quem os não tem...*  
Motivações, razões, medos, ansiedades
- 35    *Capítulo 2 – O tiquetaque do relógio*  
Uma ratoeira biológica ou um mito humano?
- 45    *Capítulo 3 – O meu estereótipo é maior que o teu*  
Rótulos e preconceitos que perduram
- 67    *Capítulo 4 – Mudanças de valores*  
Alterações nas prioridades e taxas de fecundidade
- 75    *Capítulo 5 – Crescei e multiplicai-vos*  
O filho, o indivíduo e o casal
- 89    *Capítulo 6 – A responsabilidade de dizer «nunca»*  
A solidão, a velhice, adiar em vez de recusar
- 101   *Capítulo 7 – Da «tia solteira» à «tia à maneira»*  
Tendências para o futuro
- 113   *Considerações finais*
- 115   *Posfácio*
- 119   *Fontes documentais*

# Capítulo 1

---

## QUEM TEM FILHOS TEM CADILHOS. QUEM OS NÃO TEM...

### Motivações, razões, medos, ansiedades

Em França, no ano passado, houve uma mulher que se atreveu a dizer o que muitas já diziam à boca pequena: ter filhos não é, necessariamente, uma fonte de prazer. Corinne Maier<sup>1</sup>, psicanalista e economista, autora, entre outros livros, do *best-seller Bom Dia, Preguiça!* (publicado em Portugal, em 2005), lançou achas para a fogueira ao escrever *No Kid: 40 razões para não ter filhos*.

A obra apresenta uma panóplia de razões para uma mulher não ter filhos e, em França, vendeu mais de 40 mil exemplares quando da publicação. Contudo, facilmente adivinhamos que, para a autora, e ao contrário do que dizia Sartre, o inferno não são os outros. O inferno são as crianças. Curiosamente, Corinne Maier tem, ela própria, dois filhos. Talvez a experiência da maternidade tenha sido traumática para ela (vamos acreditar que não), ou, quem sabe, Corinne esteja apenas a dar voz aos pensamentos das mulheres que se sentam no seu consultório, caricaturando a «febre da maternidade» que assola os casamentos e as relações sociais.

<sup>1</sup> Corinne Maier possui um *site* oficial, que pode ser consultado em <http://www.corinnemaier.info>.

Para além de destruidoras do corpo da mulher, controladoras das férias e inimigas do sexo conjugal, as crianças surgem em *No Kid* como um lobo vestido com pele de cordeiro, cujo propósito é minar a vida privada dos pais e acabar, de vez, com todas as suas liberdades. Politicamente incorrecto? Talvez. Mas isso não é algo que preocupe muito a autora, capaz de escrever «mimos» como «não se deixem enganar» pelas crianças, essas «aliadas do capitalismo».

*No Kid* é um aviso bem-humorado e provocador àqueles que pretendem ser pais, incentivados pelas generosas políticas sociais praticadas em França<sup>1</sup>. E um suspiro de alívio para as mulheres que se esqueceram de mudar a pilha ao relógio biológico: afinal, não desejar filhos é... normal! Eis alguns dos argumentos que Corinne Maier advoga:

- Dar à luz é uma tortura.
- Transformas-te num biberão ambulante.
- Será uma guerra para poderes ter um momento de diversão para ti própria.
- Perdes o contacto com os teus amigos.
- Terás de aprender uma linguagem de idiotas para conseguir comunicar com os teus filhos.
- Os filhos dão cabo do desejo.
- As crianças são a derradeira sentença do casal.
- Ter crianças é um acto conformista.
- As crianças são dispendiosas.
- Serás levada a pensar que existe, de facto, o filho perfeito.
- Inevitavelmente, irás sentir-te frustrada com o teu próprio filho.
- Espera-se que sejas mãe antes de profissional ou mulher.
- As famílias são um pesadelo.

<sup>1</sup> Neste país, a taxa de natalidade média atingiu os dois filhos por mulher, sendo superior à de qualquer outro país europeu. Para incentivar os casais a terem mais filhos e, em especial, para motivar as mulheres a serem mães trabalhadoras, o Governo criou subsídios à maternidade, que aumentam com o número de filhos. Contudo, esses subsídios só são atribuídos a partir do segundo filho.

- As crianças acabam com os teus sonhos de infância.
- Não consegues evitar ambicionar a felicidade completa para os rebentos.
- Ficar em casa para tomar conta de crianças é um aborrecimento de morte.
- Tens de escolher entre maternidade e sucesso profissional.
- Quando uma criança aparece, o pai desaparece.
- Já existem demasiadas crianças no planeta.
- As crianças são perigosas. Levam-te a tribunal sem sequer pensarem duas vezes.

A solução para todos estes problemas e mais alguns? Corinne não está com meias-medidas: a contraceção.

Em Portugal, o «fazer bebés» também se tem tornado uma prioridade nacional, pese embora as dificuldades económicas que, para muitos casais, são um impedimento real. Essa obsessão, que, mais do que a alegria da maternidade, tem em conta o futuro da segurança social e da economia do país, foi também caracterizada por Fernanda Câncio, numa das suas crónicas semanais na revista *Notícias Magazine*. Num tom sarcástico e acutilante, a jornalista escreve sobre as mulheres a quem é apontado o dedo, as supostamente responsáveis pela quebra da taxa de natalidade das últimas décadas: «É tão fácil e conveniente atribuir tudo à malandragem das mulheres, que “saíram de casa”, arranjam uns trocos para se sustentar, pegaram o freio nos dentes com esta coisa da pílula e deram em decidir se querem ou não, se lhes dá jeito ou não, se lhes apetece ou não. [...] Ou se, simplesmente, não estão para isso. Porque lhes falta coragem, porque lhes falta vocação para o sacrifício. Porque lhes falta quem perceba o quão extraordinária é a exigência da tarefa, a enormidade da missão. Enfim: as mulheres deram em ser como os homens. Em fazer o que lhes apetece, em assumir o que lhes convém. Tornaram-se uma coisa terrível [...]: “egoístas”.»

## Razões no feminino

O egoísmo, uma palavra que persegue as mulheres que não querem ser mães como uma sombra incómoda, é, por si só, matéria para um capítulo. Falaremos dele mais à frente. Para já, comecemos por dizer que existem outras razões que impelem algumas mulheres – independentemente da idade, da profissão, do estado civil – a recusar o papel e as tarefas associadas à maternidade.

*«Não precisamos de uma criança para nos completar»*

Gisela Martins, jornalista de 33 anos, encara a questão de uma forma muito simples: não tem vontade de procriar. A viver em união de facto há cerca de cinco anos, a opção não traz complicações ao casal, pois o companheiro também não deseja ser pai. Para já, bastam os quatro gatos com quem partilham a casa em Lisboa.

«Nunca liguei muito ao casamento. Não pensei nisso de forma aprofundada, mas, como sou constantemente questionada acerca desse tema, a minha resposta sempre foi automática. Às vezes, as pessoas perguntam se quero casar, calha em conversa, entre amigos, por exemplo. E eu lembro-me de sempre ter respondido que não, que o casamento não me diz nada de especial. Vivo com uma pessoa, não acho é piada ao papel... Acho giro juntar os amigos, quando se trata da celebração de uma coisa, supostamente positiva, como a união entre duas pessoas. Mas não me diz nada aquela festa...»

E como explica a falta de «instinto maternal»? «Desde adolescente que me lembro de dizer que não queria ter filhos. Não tenho vontade. Para mim, a questão começa e acaba mesmo aí. Nem chega àqueles outros problemas do ter de abdicar de isto ou de aquilo, porque não tenho vontade. Confesso que acho que as dores de parto não devem ser muito agradáveis, mas não está relacionado com isso. É mesmo por não sentir vontade de ter um filho. Não vejo necessidade, não há nenhum relógio biológico. Não sei porquê, gostava que alguém me explicasse porque é que há pessoas que nascem sem esse tal relógio. Não tem a ver com o medo de não ser

uma boa mãe. Talvez tivesse essa dúvida, como todas as mulheres. Já acompanhei algumas gravidezes e sei que as pessoas são assaltadas por dúvidas. Mas não é isso que me demove, é mesmo uma ausência total de vontade de ter uma criança.»

Gisela sabe que, um dia, se poderá arrepender, como em qualquer escolha que tenha feito na vida. «A mim parece-me, neste momento, que é uma decisão definitiva, sinceramente. Não vejo nenhuma razão para isso acontecer. Não tem a ver com segurança no emprego, por exemplo. Não é por aí. Nem com estabilidade emocional, porque sou uma pessoa estável, desse ponto de vista. Não vejo nada de positivo no acto de ter filhos. As pessoas falam na maternidade, como isso muda as pessoas. Acho que pode ser verdade, mas tu tens de querer! Se não quiseres, é complicado. E, para mim, está mesmo resolvido, não tenho nenhum problema de consciência e não me sinto estigmatizada, vivo bem com isso.»

*«As pessoas têm filhos só porque sim»*

A estabilidade emocional é, precisamente, a razão apontada por Ana Godinho, 39 anos, residente em Lisboa. Trabalha como *copy-desk* e é também autora do blogue «O Interno Feminino» (<http://internofeminino.blogs.sapo.pt>), onde escreve sobre os comportamentos femininos e masculinos. Para além de nunca ter sentido o chamado «instinto maternal», Ana acredita que, na sua maioria, as pessoas não estão preparadas, emocionalmente, para ter filhos. «Acho que ter filhos é uma questão de estabilidade que, muitas vezes, as pessoas não demonstram. As pessoas têm filhos só porque sim, ou para salvar casamentos, ou para ter companhia, normalmente pelas razões erradas. Pelo menos, na maior parte das pessoas que conheço, eu considero que são razões erradas. No fundo, o que se está a criar é um indivíduo, um ser que deve ser independente, não é para nos fazer companhia. Se precisamos de companhia, arranjamos um gato ou um cão ou um namorado. Não vamos ter filhos por causa disso! Não vamos pôr uma pessoa no mundo dessa forma. Acho que aí é que está o egoísmo a funcionar. Ou seja, para eu estar bem, vou